

Nietzsche e a decadência helênica: um problema socrático

Jéssyca Aragão de Freitas¹

Resumo: Em sua obra *Crepúsculo dos ídolos*, mais precisamente no capítulo intitulado “O Problema de Sócrates”, Nietzsche discorre sobre a Mosca de Atenas e vê nele o caráter de decadência que subverteu a atividade lúdica dos gregos para algo propriamente moral e valorativo. No desenrolar de sua cultura, os gregos passaram a incorporar juízos de valor cada vez mais intensificados e começaram a se colocar acima da própria vida, resguardando ao caráter racional a fundamentação de suas próprias existências. O tipo mais sofisticado de tal sintoma seria Sócrates. Enquanto meio idiossincrático dos valores metafísicos, Sócrates perpetuaria a crença nas dualidades, a crença nos valores absolutos e, por conseguinte, a desvalorização do caráter de vir-a-ser à própria existência. A moralidade, nesse sentido, seria posta como inimiga da vida; inimiga da exacerbação dos instintos – característica crucial da vontade de potência que permeia todas as relações. No jogo da racionalidade socrática os valores se invertem: a dialética e sua retórica argumentativa passam a se consolidar contra o argumento da autoridade – fruto da superabundância dos instintos. Sócrates, sendo também fruto dessa decadência dos valores tradicionais gregos, emerge como contraponto, com recurso à decadência de tais valores. O presente trabalho tem como base a interpretação de Nietzsche sobre a decadência dos valores tradicionais gregos e a consequente emergência da

¹ Graduada e Mestranda em Filosofia pela Universidade Estadual do Ceará - UECE

racionalidade dialética, fruto do cultivo de uma existência pautada em valores cada vez mais transcendentais em detrimento do caráter aparente e contingencial da própria vida. Nietzsche, nesse sentido, tipifica Sócrates como aquele que concedeu aos gregos o remédio ideal para tal decadência: a moral construída sobre os alicerces da razão, virtude e felicidade. O próprio Sócrates seria, segundo Nietzsche, a figura paradigmática do sintoma de decadência, e aquela da qual a filosofia se tornara alicerce de uma metafísica pautada em subterfúgios dualistas.

Palavras-chave: Nietzsche; Sócrates; Decadência; Moralidade; Razão.

Nietzsche et la décadence hellénique: un problème socratique

Résumé: Dans son œuvre *Crépuscule des Idoles*, plus précisément dans le chapitre intitulé « Le problème de Socrate », Nietzsche parle de la Mouche d'Athènes et voit en elle le caractère de décadence qui subvertit l'activité ludique des grecs pour quelque chose proprement morale et évaluatif. Dans le dérouler de leur culture, les Grecs ont commencé à incorporer des jugements de valeur de plus en plus intensifiés et ont commencé à mettre au-dessus de la propre vie, gardant au caractère rationnel la base de leurs propres existences. Le type le plus sophistiqué de ces symptômes serait Socrate. Tandis que moyen idiosyncrasique des valeurs métaphysiques, Socrate aura perpétué la croyance en dualités, la croyance dans les valeurs absolues et donc la dévaluation du caractère à venir-à-être à leur propre existence. La moralité, en ce sens, elle serait placée comme ennemie de la vie; ennemie d'exacerbation des instincts – une caractéristique essentielle de la volonté de puissance qui imprègne toutes les relations. Dans le jeu de la rationalité socratique les valeurs sont inversées: la dialectique et sa rhétorique argumentative commencent à consolider contre l'argument d'autorité – fruit de la surabondance des instincts. Socrate, étant également fruit de cette décadence des valeurs traditionnelles grecques, émerge comme un contrepoint, avec ressource à la décadence de ces valeurs. Ce travail est basé sur l'interprétation de Nietzsche sur la décadence des valeurs traditionnelles grecques et la conséquente émergence de la rationalité dialectique, fruit de la cultivation d'une existence guidé des valeurs de plus en plus transcendentales au détriment du caractère apparente et contingente de la vie elle-même. Nietzsche, en ce sens, caractérise Socrate comme celui qui a donné à les grecs le remède idéal pour une telle décadence: la morale construite sur les fondations de la raison, la vertu et le bonheur. Socrate lui-même était, selon Nietzsche, la figure paradigmaticque de la décadence et ce qui la philosophie est devenue le fondement d'une métaphysique guidée par subterfuge dualiste.

Mots-clés: Nietzsche; Socrate; Décadence; Moralité; Raison.

Em *O Crepúsculo dos ídolos*, Nietzsche efetua uma crítica à filosofia socrática e ao que considera ser o sintoma de uma inversão dos valores próprios da cultura helênica, baseados em uma afirmação da vida e dos instintos humanos. A inversão destes valores, segundo o filósofo alemão, culminaria em uma decadência dos impulsos helênicos. O tipo característico desta decadência seria

Sócrates, ao propor como remédio à decadência uma supervalorização da racionalidade em detrimento dos valores de afirmação da vida.

A obra apresenta uma oposição aos sistemas filosóficos e morais que se constituem a partir de juízos de valor sobre da vida – como se esta fosse passível de ser conceituada de forma racionalmente válida. Para o filósofo, todo e qualquer julgamento acerca da vida é incognoscível ao homem, enquanto vivente e participante desta. Tais julgamentos, conseguintemente, são apenas sintomas da decadência:

Juízos, juízos de valor acerca da vida, contra ou a favor, nunca podem ser verdadeiros, afinal; eles têm valor apenas como sintomas, são considerados apenas enquanto sintomas — em si, tais juízos são bobagens. É preciso estender ao máximo as mãos e fazer a tentativa de apreender essa espantosa *finesse* [finura], a de que *o valor da vida não pode ser estimado*. Não por um vivente, pois ele é parte interessada, até mesmo objeto da disputa, e não juiz; e não por um morto, por um outro motivo. — Que um filósofo enxergue no *valor* da vida um problema é até mesmo uma objeção contra ele, uma interrogação quanto à sua sabedoria, uma não-sabedoria².

Tais sistemas são característicos da metafísica tradicional, que se alicerça sobre fundamentos últimos acerca da realidade. Contrariamente a esses sistemas fundacionais, Nietzsche propõe sua “filosofia do martelo”, ou seja, demolir as velhas verdades e propor um novo tipo de cultura, voltada para a dinamicidade do vir-a-ser, do caráter contingencial da vida.

No capítulo “O Problema de Sócrates” da referida obra, Nietzsche aponta os principais sintomas da decadência da Mosca de Atenas, desenvolvidos como juízos de valor acerca da vida: seu moralismo patológico; a equivalência entre razão=virtude=felicidade; a descrença dos valores ascendentes da vida; a razão enquanto condutora de conceitos eternos e absolutos; o abandono dos impulsos como critério de aperfeiçoamento humano e as dualidades decorrentes de sua metafísica, evidenciadas através de seus conceitos de “mundo verdadeiro” e “mundo aparente”.

Para Sócrates, o aperfeiçoamento humano estava intimamente relacionado à domesticação dos instintos por meio da razão. Segundo ele, é preciso que o homem desvie-se das coisas ligadas ao corpóreo e direcione-se às coisas inteligíveis. É

² NIETZSCHE, Friedrich. *Crepúsculo dos ídolos*. Tradução de Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2006. Capítulo “O Problema de Sócrates”, § 2.

preciso, portanto, abandonar os instintos e necessidades corporais e elevar-se para a busca de coisas mais nobres, louváveis e racionais.

Como dissemos anteriormente, Nietzsche considerava os juízos acerca da vida meros sintomas da decadência, sintomas estes efetivados por meio de um instrumento capaz de elevar os valores ascendentes – instintuais – da vida em prol do elemento racional: tal instrumento é a dialética. A filosofia socrática é, pois, dialética por excelência, na qual sua força está centrada em seu caráter de elucidação argumentativa. Um dos principais elementos do método dialético socrático é a ironia³, no qual o filósofo simula a própria ignorância e mostra-se interessado em aprender com seu interlocutor, assumindo a posição de questionador e estimulando o interlocutor a respondê-lo, a posicionar-se, enquanto este imprudentemente acredita ser possuidor de um saber. Neste ponto, ironia e refutação (*elenchos*) se encontram, pois, ao fingir concordar com as teses sugeridas pelo interlocutor, ainda sob o disfarce de “nada saber”, o filósofo engrandece-as a ponto de ridicularizá-las, evidenciando seus problemas formais e induzindo o interlocutor à refutação de si mesmo e ao reconhecimento da própria ignorância⁴. Assim, a refutação purifica a alma do interlocutor das falsas opiniões, preparando-lhe para a descoberta do conhecimento verdadeiro.

Na “Alegoria da Caverna” presente no livro VII d’*A República*, a dialética é apresentada como o instrumento capaz de libertar o filósofo de sua morada subterrânea e elevá-lo para o mundo real, para o mundo das essências imutáveis. A dialética, portanto, libertaria o conhecimento das hipóteses e do sensível, permitindo ao homem alcançar aquilo que é verdadeiro e essencial em cada coisa, pela percepção da realidade inteligível da qual participa o objeto de investigação⁵. Em contrapartida, para Nietzsche a dialética socrática é propriamente o instrumento de decomposição do elemento trágico existente na civilização helênica até então.

O uso dialético para Sócrates, segundo Nietzsche, é uma forma daquele tornar-se tirano, tornar-se sábio ao devolver um contra-argumento plausível para seu interlocutor e fazer dele joguete de suas próprias concepções. A dialética seria, para o

³ Do grego eironeía, que significa “ignorância simulada”.

⁴ Em resumo, Pierre Hadot explica: “La ironía socrática consiste en fingir querer aprender algo de su interlocutor para llevarlo a descubrir que no conoce nada en el campo en el que pretende ser sabio.” Cf. HADOT, Pierre. *¿Qué es la filosofía antigua?* Traducción de Eliane Cazenave Tapie Isoard. México: Fondo de Cultura Económica, 1998. No livro I da República, em diálogo com Sócrates, Trasímaco afirma: “Ó Hércules! Cá está a célebre e costumada ironia de Sócrates! Eu bem o sabia, e tinha prevenido os que aqui estão de que havias de te esquivar a responder, que te fingirias ignorante, e que farias de tudo quanto há para não responder, se alguém te interrogasse”. Cf. PLATÃO. *A República*. Tradução de Maria Helena da Rocha Pereira. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2014. 337a.

⁵ PLATÃO. *A República*. Tradução de Maria Helena da Rocha Pereira. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2014. 534b.

filósofo alemão, um modo de degradar a inteligência de seu antagonista e, por conseguinte, uma forma de vingança do próprio Sócrates ante os instintos até então usufruídos pelos helênicos. No sétimo parágrafo, Nietzsche indaga:

— É a ironia de Sócrates uma expressão de revolta? De ressentimento plebeu? Goza ele, como oprimido, de sua própria ferocidade nas estocadas do silogismo? *Vinga-se* ele dos homens nobres a quem fascina? — Como dialético, tem-se um instrumento implacável nas mãos; pode-se fazer papel de tirano com ele; expõe-se o outro ao vencê-lo. O dialético deixa ao adversário a tarefa de provar que não é um idiota: ele torna furioso, torna ao mesmo tempo desamparado. O dialético *tira a potência* do intelecto do adversário. — Como? A dialética é apenas uma forma de *vingança* em Sócrates?⁶

Os modos dialéticos eram repudiados por toda sociedade helênica aristocrática até Sócrates. Tais modos associavam-se a desonestidade e, conseqüentemente, eram tidos como inconvenientes. Como exercício da razão e da elucidação argumentativa, a dialética contrapunha-se a aristocracia, fundamentada na autoridade e no comando. Neste contexto, a boa sociedade “desconfiava de toda essa exibição dos próprios motivos⁷”, pois, como esclarece Nietzsche,

Coisas de respeito, como homens de respeito, não trazem assim na mão os seus motivos. É indecoroso mostrar todos os cinco dedos. É de pouco valor aquilo que primeiramente tem de se provar. Onde a autoridade ainda faz parte do bom costume, onde não se “fundamenta”, mas se ordena, o dialético é uma espécie de palhaço: as pessoas riem dele, não o levam a sério⁸.

Contudo, em dado momento, o gosto helênico se altera em favor da dialética e aquilo que antes era objeto de repúdio para a aristocracia, torna-se remédio. Tal inversão de valores ocorre através da dialética socrática – recurso último da decadência. Se antes tínhamos a afirmação de gostos refinados, agora, com

⁶ NIETZSCHE, Friedrich. *Crepúsculo dos ídolos*. Tradução de Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2006. Capítulo “O Problema de Sócrates”, § 7.

⁷ NIETZSCHE, Friedrich. *Crepúsculo dos ídolos*. Tradução de Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2006. Capítulo “O Problema de Sócrates”, § 5.

⁸ NIETZSCHE, Friedrich. *Crepúsculo dos ídolos*. Tradução de Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2006. Capítulo “O Problema de Sócrates”, § 5.

a ascensão dialética, a plebe chega ao alto por intermédio de Sócrates. O filósofo grego, desse modo, “foi o palhaço que *se fez levar a sério*”⁹. É necessário, portanto, investigar o que de fato aconteceu.

No parágrafo nove, Nietzsche descreve que a deterioração dos instintos já estava ocorrendo em toda a Atenas e que, diante disto, a cidade caminhava para o fim. É dessa maneira que Sócrates intervém como última esperança de reconstrução dos helenos e, conseqüentemente, sua dialética – antes repudiada pela sociedade helênica – apresenta-se como remédio para a decadência:

A mesma espécie de degenerescência já se preparava silenciosamente em toda parte: a velha Atenas caminhava para o fim. — E Sócrates entendeu que o mundo inteiro dele *necessitava* — de seu remédio, seu tratamento, seu artifício pessoal de autopreservação.... Em toda parte os instintos estavam em anarquia; em toda parte se estava a poucos passos do excesso: o *monstrum in animo* era o perigo geral. “Os instintos querem fazer o papel de tirano; deve-se inventar um *contratirano* que seja mais forte”¹⁰.

O contratirano, além de inventado, se consolidou entre os atenienses, propondo-lhes um novo meio de tornar suas existências suportáveis. O significado dessa virada dialética é a construção do homem teórico em contraponto ao homem lúdico, afirmador de sua existência. Assim, em suma, o remédio socrático para decadência surge entre os helenos como um propulsor da própria decadência, enquanto instrumento de degeneração dos instintos – propriedades fulcrais da vontade de potência presente em todas as relações – e do caráter contingencial da vida, enquanto projeto de uma existência fundada em valores transcendentais.

Ao eleger a dialética como antídoto necessário para regeneração da decadência helênica, o filósofo grego faz da razão um tirano. A racionalidade, deste modo, é tomada como elemento redentor do mundo helênico e os instintos humanos – alicerces da cultura helênica – são substituídos pelo otimismo tirânico da razão, como explica Nietzsche: “A racionalidade foi então percebida como *salvadora*, nem

⁹ NIETZSCHE, Friedrich. *Crepúsculo dos ídolos*. Tradução de Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2006. Capítulo “O Problema de Sócrates”, § 5.

¹⁰ NIETZSCHE, Friedrich. *Crepúsculo dos ídolos*. Tradução de Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2006. Capítulo “O Problema de Sócrates”, § 9.

Sócrates nem seus “doentes” estavam livres para serem ou não racionais — isso era *de rigueur* [obrigatório], era seu *último* recurso¹¹.

Assim, com a ascensão da dialética socrática, todos os instintos humanos tornaram-se sinônimos de decadência e fraqueza. Para a filosofia socrática — compreendida como atividade autônoma do pensamento — os instintos tornaram-se obstáculos para ascensão à verdade, como podemos verificar através da seguinte passagem do diálogo *Fédon*, de Platão:

E com referência à aquisição do conhecimento. O corpo constitui ou não um obstáculo, quando chamado para participar da pesquisa? O que digo é o seguinte: a vista e o ouvido asseguram aos homens alguma verdade? Ou será certo o que os poetas não se cansam de afirmar, que nada vemos nem ouvimos com exatidão? Ora, se esses dois sentidos corpóreos não são nem exatos nem de confiança, que diremos dos demais, em tudo inferiores aos primeiros? Não pensas desse modo? [...] Então quando é que a alma atinge a verdade? É fora de dúvida que, desde o momento em que tenta que investigar algo na companhia do corpo, vê-se logrado por ele. [...] Ora, a alma pensa melhor quando nada disso tem a perturbá-la, nem a vista nem o ouvido, nem dor nem prazer de espécie alguma, e, concentrada ao máximo em si mesma, dispensa a companhia do corpo, evitando o tanto quanto possível qualquer comércio com ele, e esforça-se para apreender a verdade¹².

O corpo e os instintos humanos adquirem, por meio de Sócrates, um estatuto epistemológico e moral de inferioridade. Há, na filosofia socrática, uma tentativa de denegação do caráter aparente e contingencial da própria vida. Os instintos, neste sentido, promovem o distanciamento da verdade — que deve, a todo custo, ser buscada. Torna-senecessário, portanto, lutar contra os instintos e influências corporais, em prol da soberania da razão. É preciso, sobretudo, combater racionalmente as paixões. É por isso que Sócrates afirma, no *Fédon*, que a filosofia, enquanto esforço de desvinculação da alma em relação às exigências corpóreas, pode ser considerada uma preparação para morte, uma libertação do corpo: “é possível que

¹¹ NIETZSCHE, Friedrich. *Crepúsculo dos ídolos*. Tradução de Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2006. Capítulo “O Problema de Sócrates”, § 10.

¹² PLATÃO. *Fédon*. Tradução de Carlos Alberto Nunes. Belém: ed.ufpa, 2011. 65a-c.

todos os que se dedicam verdadeiramente à Filosofia a nada mais aspirem do que morrer e estarem mortos¹³”.

Com o otimismo da razão –único recurso para perpetuação da existência –, os instintos transformam-se em empecilhos, à medida que propendem ao contingente e não à atividade racional; tais instintos, portanto, devem ser superados para que a racionalidade conserve-se imaculada, nítida e impalpável.

Em síntese, Sócrates surge, em um período de decadência helênica, como o recurso último e “médico” necessário para a decadência. Contudo, para Nietzsche, Sócrates foi não só fruto desta decadência, mas também o mais decadente dos gregos, além da figura paradigmática mais sofisticada do sintoma de decadência.

— Seu caso era, no fundo, apenas o caso extremo, o que mais saltava aos olhos, daquilo que então começava a se tornar miséria geral: que ninguém mais era senhor de si, que os instintos se voltavam uns contra os outros. Ele fascinou por ser esse caso extremo — sua amedrontadora feiura o distinguia para todos os olhos; ele fascinou ainda mais intensamente, está claro, como resposta, como solução, como aparência de cura para esse caso¹⁴.

A partir de Sócrates a razão tornou-se o fundamento de todo moralismo, formulado sobre a equação razão=virtude=felicidade¹⁵. Para Nietzsche, o grande engenho de Sócrates foi ter descoberto o remédio necessário para aquele momento de crise. Entretanto, a superabundância lógica e teórica empregada pelo filósofo grego culminaram no esgotar-se do caráter instintivo e inconsciente da existência helênica e, semelhantemente, a degradação dos impulsos provocara a exacerbação da racionalidade. Os filósofos moralistas posteriores, ressalta ainda Nietzsche, prosseguiram imitando o erro socrático – a crença na racionalidade a qualquer preço

¹³ PLATÃO. Fédon. Tradução de Carlos Alberto Nunes. Belém: ed.ufpa, 2011. 64a. Ao discorrer sobre o assunto, G. Reali explica: “o verdadeiro filósofo deseja a morte, e a verdadeira filosofia é exercício de morrer”. Cf. REALE, Giovanni. *História da Filosofia Grega e Romana III - Platão*. São Paulo: Edições Loyola, 2007. Pág. 204. No *Fédon*, aprender a filosofar significa aprender a morrer em vida, isto é, aprender a neutralizar o máximo possível às necessidades corpóreas, para que as mesmas não obstruam a ascense da alma e esta, por sua vez, purifique-se a fim de alcançar o conhecimento verdadeiro.

¹⁴ NIETZSCHE, Friedrich. *Crepúsculo dos ídolos*. Tradução de Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2006. Capítulo “O Problema de Sócrates”, § 9.

¹⁵ “Tento compreender de que idiossincrasia provém a equação socrática de razão = virtude = felicidade: a mais bizarra equação que existe, e que, em especial, tem contra si os instintos dos helenos mais antigos.” Cf. NIETZSCHE, Friedrich. *Crepúsculo dos ídolos*. Tradução de Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2006. Capítulo “O Problema de Sócrates”, § 4.

–, alterando apenas a expressão da decadência para uma ideia de moral do aperfeiçoamento.

O fanatismo com que toda a reflexão grega se lança à racionalidade mostra uma situação de emergência: estavam em perigo, tinham uma única escolha: sucumbir ou — ser *absurdamente racionais*... O moralismo dos filósofos gregos a partir de Platão é determinado patologicamente; assim também a sua estima da dialética. Razão = virtude = felicidade significa tão-só: é preciso imitar Sócrates e instaurar permanentemente, contra os desejos obscuros, uma *luz diurna* — a luz diurna da razão. É preciso ser prudente, claro, límpido a qualquer preço: toda concessão aos instintos, ao inconsciente, leva *para baixo*...¹⁶

Na *Apologia a Sócrates*, o próprio filósofo grego anuncia-se como exemplo a ser imitado. Segundo sua interpretação do oráculo dos Delfos, o deus Apolo não apenas o proclamara o mais sábio de todos os homens, mas também convocar todos os homens a se tornarem sábios como ele:

E parece que, falando desse Sócrates, ele utiliza meu nome fazendo-me exemplo (*parádeigma*), como se dissesse: “entre vós, ó humanos, o mais sábio é aquele que, como Sócrates, reconhece que verdadeiramente não vale nada diante do saber”¹⁷.

Sócrates acreditava que o deus lhe havia empregado uma importante tarefa: tornar os homens melhores através da razão. Para tanto, o filósofo grego deveria fazer com que estes reconhecessem, por meio da dialética, suas próprias ignorâncias. Era preciso, portanto, que os homens adotassem um ideal de vida assentando em uma ininterrupta busca pelo saber e pela verdade.

Nesse viés, emerge a suficiência do homem teórico, profundamente convicto de que a razão é o instrumento necessário para que o homem ascenda e alcance a verdade; trata-se de uma "ilusão metafísica" que se perpetuará na atividade filosófica de grande parte da história da filosofia.

¹⁶ NIETZSCHE, Friedrich. *Crepúsculo dos ídolos*. Tradução de Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2006. Capítulo “O Problema de Sócrates”, § 10.

¹⁷ PLATÃO. *Apologia a Sócrates*. 23a-b. Tradução feita diretamente do grego pela própria autora do artigo, com base no texto estabelecido por John Burnet.

Para Nietzsche, a dialética socrática – ou o “remédio socrático” –, foi um mero paliativo aos valores até então caracterizados como nobres, pois longe de fornecer uma cura para a “doença ateniense”, tal método, contrariamente, apenas fomentou a decadência:

Sócrates foi um mal-entendido: *toda a moral do aperfeiçoamento, também a cristã, foi um mal-entendido...* A mais crua luz do dia, a racionalidade a todo custo, a vida clara, fria, cautelosa, consciente, sem instinto, em resistência aos instintos, foi ela mesma apenas uma doença, uma outra doença – e de modo algum um caminho de volta à “virtude”, à “saúde”, à felicidade... *Ter de combater os instintos – eis a fórmula da *décadence*: enquanto a vida *ascende*, felicidade é igual a instinto*¹⁸.

Sócrates, deste modo, não foi apenas o mais decadente dos gregos, mas foi também aquele que conduziu o povo ateniense para a solidificação da decadência, enquanto negação dos instintos.

O remédio apresentado por Sócrates revelou-se como uma doença ainda mais grave, pois fez com que os sábios tivessem a pretensão de colocarem-se acima da vida, para julgá-la. Tal julgamento sustenta-se na máxima: [a vida] “ela não vale nada”. O filósofo grego, deste modo, transformou sua doença em regra moral para a vida de muitos filósofos posteriores, que perceberam em seu modo de viver e em seu sofrimento o fundamento da própria existência. Logo, Sócrates não foi o único decadente, pois, tal como ele, todos aqueles considerados os “mais sábios de todos os tempos” negaram a vida e, por conseguinte, todos eles foram *decadentes*. A busca de uma verdade absoluta, permanente e transcendental representa um instinto de degeneração e de morte. Para Nietzsche, contrariamente, a vida possui um valor máximo, na qual nenhum ideal transcendental pode apreendê-la. Em suma, a vida basta a si mesma.

Nietzsche ainda ressalta que a ilusão dialética – isto é, a ideia de dialética como remédio para a decadência – construída por Sócrates é, por fim, rejeitada pelo próprio filósofo grego, pois este, na verdade, almejava a própria morte.

¹⁸NIETZSCHE, Friedrich. *Crepúsculo dos ídolos*. Tradução de Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2006. Capítulo “O Problema de Sócrates”, § 11.

— Terá ele mesmo compreendido isto, esse mais sagaz dos ludibriadores de si mesmo? Terá dito isto a si próprio afinal, na *sabedoria* de sua coragem ante a morte?... Sócrates queria *morrer*: — não Atenas, mas *ele* deu a si veneno, ele forçou Atenas ao veneno... “Sócrates não é um médico”, disse para si em voz baixa, “apenas a morte é médico aqui... Sócrates apenas esteve doente por longo tempo...”¹⁹

O único médico capaz de remediar Sócrates foi, por fim, a morte. Não é à toa que o filósofo grego, à beira da morte, anuncia: “Viver — significa há muito estar doente: devo um galo a Asclépio, o salvador²⁰”. Sócrates esteve somente doente por um longo período²¹.

O posicionamento de Sócrates perante a morte exemplifica nitidamente o julgamento negativo efetuado pelos sábios acerca da vida — *ela não vale nada*. Nietzsche compreende que este juízo de valor a respeito da vida, tal como este cansaço vital demonstrado por Sócrates, são sintomas de uma doença: toda e

¹⁹ NIETZSCHE, Friedrich. *Crepúsculo dos ídolos*. Tradução de Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2006. Capítulo “O Problema de Sócrates”, § 12.

²⁰ NIETZSCHE, Friedrich. *Crepúsculo dos ídolos*. Tradução de Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2006. Capítulo “O Problema de Sócrates”, § 1. Nietzsche refere-se a seguinte passagem do *Fédon*, na qual Platão narra os últimos instantes da vida do mestre: “E ele [Sócrates], sem deixar de andar, ao sentir as pernas pesadas, deitou-se de costas, como recomendara o homem do veneno. Este, a intervalos, apalpava-lhe os pés e as pernas. Depois, apertando com mais força os pés, perguntou se sentia alguma coisa. Respondeu que não. Em seguida, sem deixar de comprimir-lhe a perna, do artelho para cima, mostrou-nos que começava a ficar frio e a enrijecer. Apalpando-o mais uma vez, declarou-nos que no momento em que aquilo chegasse ao coração, ele partiria. Já se lhe tinha esfriado quase todo o baixo-ventre, quando, descobrindo o rosto — pois o havia tapado antes — disse, e foram suas últimas palavras: — ‘Crítion’ exclamou, ‘devemos um galo a Asclépio. Não te esqueças de saldar essa dívida!’ — ‘Assim farei’, respondeu Crítion; ‘vê se queres dizer mais alguma coisa.’ A essa pergunta, já não respondeu. Decorrido mais algum tempo, deu um estremeção. O homem o descobriu; tinha o olhar parado. Percebendo isso, Crítion fechou-lhe os olhos e a boca”. Cf. PLATÃO. *Fédon*. Tradução de Carlos Alberto Nunes. Belém: ed.ufpa, 2011. 117e-118a (Grifo nosso). Na mitologia grega, Asclépio representa o deus da medicina e, portanto, é aquele que promove a cura. Durante seu culto, o povo helênico sacrificava galos como oferendas em agradecimento a determinadas curas alcançadas. Ao se remeter ao deus em seu último instante de vida, Sócrates parece agradecê-lo pela única cura possível, a saber, a morte. Neste sentido, viver é estar doente e morrer é curar-se.

²¹ Em sua obra *A gaia ciência*, Nietzsche ainda escreve: “Terá sido a morte, ou o veneno, ou a piedade, ou a malícia — alguma coisa lhe desatou naquele instante a língua, e ele falou: ‘Oh, Crítion, devo um galo a Asclépio.’ Essa ridícula e terrível ‘última palavra’ quer dizer, para aqueles que têm ouvidos: ‘Oh, Crítion, a vida é uma doença!’ Será possível? Um homem como ele, que viveu jovialmente e como um soldado à vista de todos — era um pessimista? Ele havia feito uma cara boa para a vida, o tempo inteiro ocultando o seu último juízo, seu íntimo sentimento! Sócrates, Sócrates sofreu da vida! E ainda vingou-se disso — com essas palavras veladas, horríveis, piedosas e blasfemas! Também Sócrates necessitou de vingança? Faltou um grão de generosidade à sua tão rica virtude? — Ah, meus amigos, nós temos que superar também os gregos!” Cf. NIETZSCHE, Friedrich. *A gaia ciência*. Tradução de Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2001. Livro quarto, § 340 — *Sócrates Moribundo*.

qualquer negação da vida representa um sintoma de morbidade, de debilidade e de degeneração impulsional.

Com a dialética socrática e a supervalorização da filosofia teórica, a própria vida adquire um negativo juízo de valor, transformando-se em uma incessante busca pela verdade absoluta. Desse modo, o filósofo grego torna-se a mais emblemática personificação da decadência e da falta de hierarquização dos impulsos. Através de Sócrates a filosofia teórica ergue-se em detrimento dos instintos e dos impulsos corpóreos e, assim, a figura do filósofo grego torna-se o ponto de partida de toda filosofia decadente: *é preciso imitar Sócrates*. Sócrates transforma-se, pois, no modelo ideal a ser seguido pelos grandes sábios, pelos transmissores da filosofia metafísica dualista ou, mais precisamente, da doença metafísica.

Referências

ALVES, Alexandre. Helenismo e crítica da modernidade: A relação com a Antiguidade no pensamento de Nietzsche. *Revista Trágica: estudos sobre Nietzsche*, Rio de Janeiro, vol. 1, n. 2, págs. 1-17, 2008.

AZEREDO, V. D. Nietzsche e os gregos. *Revista Hypnos*, São Paulo, n. 21, p. 273-287, 2008.

BITTENCOURT, Renato Nunes. Nietzsche e a fisiologia como método de interpretação de mundo. *Revista Trágica: estudos sobre Nietzsche*, Rio de Janeiro, vol. 4, n. 1, págs. 67-86, 2011.

FREZZATTI Jr., Wilson Antônio. *A fisiologia de Nietzsche: a superação da dualidade cultura / biologia*. Ijuí: Editora da UNIJUÍ, 2006.

_____. A psicologia de Nietzsche: afirmação e negação da vida como sintomas de saúde e doença. In: SOUZA, E. C. de; CRAIA, E. C. P. *Ressonâncias filosóficas: entre o pensamento e a ação*. Cascavel: EDUNIOESTE, 2006b. Págs. 65-82.

_____. O problema de Sócrates: um exemplo da fisiopsicologia de Nietzsche. *Revista de Filosofia Aurora*, Curitiba, v. 20, n. 27, págs. 303-320, 2008.

HADOT, Pierre. *¿Qué es la filosofía antigua?* Traducción de Eliane Cazenave Tapie Isoard. México: Fondo de Cultura Económica, 1998.

MARTON, Scarlett. *Nietzsche: a transvaloração dos valores*. São Paulo: Moderna, 2006.

_____. *Nietzsche: uma filosofia a marteladas*. São Paulo: Brasiliense, 1991.

MENEGHATTI, Douglas. As imagens de Sócrates na filosofia de Nietzsche. *Kínesis*, São Paulo, Vol. VI, nº 12, p.74-88, 2014.

NIETZSCHE, Friedrich. *A gaia ciência*. Tradução de Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

_____. *Crepúsculo dos ídolos*. Tradução de Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.

PLATÃO. *A República*. Tradução de Maria Helena da Rocha Pereira. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2014.

_____. *Fédon*. Tradução de Carlos Alberto Nunes. Belém: ed.ufpa, 2011.

PLATO. *Platonis Opera*. Texto estabelecido por John Burnet. 1ª Edição. Oxford: Oxford University Press, 1903.

REALE, Giovanni. *História da Filosofia Grega e Romana III - Platão*. São Paulo: Edições Loyola, 2007.